

Corpos, identidades, teoria queer e inteligência artificial: diálogos

Bodies, identities, queer theory and artificial intelligence: dialogues
Cuerpos, identidades, teoría queer e inteligencia artificial: diálogos

Allyson Carvalho de Araújo¹  0000-0003-0114-8122

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. 59078-970 –
def@ccs.ufrn.br



KLIPPHAHN-KARGE, Michael; KOSTER, Ann-Kathrin; BRUSS, Sara Morais dos Santos (org.).

Queer Reflections on AI: Uncertain Intelligences.

New York: Routledge, 2024.

A obra *Queer Reflections on AI: Uncertain Intelligences* é uma coletânea arguta de textos que articula o emergente tema de Inteligência Artificial (IA) com a teoria *queer*. O livro é parte da série da editora *Routledge* que tem foco em novas mídias/cibercultura e é organizado por Michael Klippahn-Karge, Ann-Kathrin Koster e Sara Morais dos Santos Bruss (2024), duas pesquisadoras e um pesquisador que articulam relações de poder, tecnologia, arte, gênero e diversidade em seus estudos.

Fruto da colaboração entre dois grupos de pesquisa da *Technische Universität Dresden* (*Schauffler Lab@TU Dresden* e *GenderConceptGroup*), a composição de tal empreendimento conta com mais oito autoras e autores provenientes de cinco países. No que se refere à sua estruturação, registra-se que o livro conta com onze textos que se organizam em um texto introdutório, três seções, cada uma com três capítulos, e um texto de conclusão.

Já na introdução as organizadoras e o organizador convidam as leitoras a emergir em exemplos de crítica construídas há mais de uma década sobre as construções naturalizantes sobre as ideias de sexo e de gênero que se manifestam/reproduzem nos artefatos técnicos e tecnológicas a partir do campo artístico, em especial das obras do artista Zach Blas em sua série de trabalho intitulada *Queer Technologies*.

A partir desta imersão que incita formas disruptivas do consumo de heteronormatividade é que se apresenta às leitoras a forma com que se busca acionar o termo *queer* no volume, como uma prática crítica contra a naturalização e unificação de conceitos de perspectivas sociais, culturais e políticas, assim como uma estratégia de realçar o potencial de repressão que reside dentro de tais iterações monolíticas.

Ao tratar especificamente da IA, o texto introdutório foca na capacidade de criação de imaginários universais pela vertiginosa velocidade de processamento de dados e denuncia que esta produção de verdade vai contra a tradição de estudos das epistemologias feministas de ciência e tecnologia. Nesses termos, anuncia-se a formação de um campo interdisciplinar, que

tem representatividade nos autores e nas autoras que compõem a obra, interessados/as em localizar os impactos normalizadores das tecnologias datificadas e como estes tensionam com princípios de igualdade e liberdade em diferentes marcadores sociais. Conceitos como o de viés algorítmico, para se referir a tratamento desigual injustificado de dados tratados, e de poder são acionados para introduzir as leitoras no debate sobre colonialismo de dados (Safiya Umoja NOBLE, 2018), ou seja, a construção e reafirmação de protocolos de tratamento de dados que reproduzem normatividade.

Na primeira seção do livro, "Genealogias", são explorados alguns exercícios de como o poder normativo da IA pode ser historicizado, desnaturalizando e dando contexto cultural e científico às reflexões teóricas que se desdobram no campo. O primeiro texto já coloca em xeque a própria noção de inteligência como uma noção ambígua e eivada de práticas performativas. Partindo do campo das ciências da informação, Blair Attard-Frost apresenta tensionamentos teóricos e análise crítica de teorias de inteligência para pensar uma ontologia da IA. No capítulo seguinte, Orit Halpern se dedica a pensar uma técnica específica dentro do campo da IA, a rede neural, para pensar algoritmo de sugestão, aprendizado de máquinas e como esses mecanismos estão reformulando a compreensão de categorias como raça e sexo por meio do processamento de dados. No terceiro e último texto da primeira seção é explorada a intersecção entre tecnologia de IA e identidades *queer*. Nishant Shah apresenta evidências de como a IA define e expõe estranhezas como um artifício de enquadramento do que é normativo.

A segunda seção do livro é intitulada de Materialidade e avança nos rastros fornecidos em "Genealogias" para explorar influências tangíveis da IA sobre os copos, em sua forma física, e sobre as identidades dos sujeitos. Nesses termos, Ute Kalender aciona o conceito de ciborgue, em associação aos adensamentos dos debates *queer*, para pensar a demanda das tecnologias e a própria IA em abrir espaço para criação de dados, imaginários e experiências com os sujeitos com deficiência e não sobre eles. No texto de autoria de Michael Klippahn-Karge, explora-se a representação de identidades *queer* na produção de corpos artificiais e estabelece um debate a partir de uma perspectiva de uma estética da ambiguidade ao explorar uma obra artística, asseverando que corpos artificiais nas artes podem tanto perpetuar como perturbar representações estereotipadas de gênero. Já no terceiro texto desta seção, Katrin Köppert problematiza a dataficação de corpos em aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual e de controle da natalidade para pensar as noções de subjetividade. Assim, aciona a premissa naturalizada de corpos femininos reprodutivos reduzidos a dados e denuncia como tais aplicações tecnológicas podem refletir e reificar preconceitos neocoloniais, misóginos e transfóbicos ao atender predominantemente às questões relativas às mulheres brancas, cisgênero e heterossexuais.

A terceira e última seção tem como título "Especulações" e tem por intenção abrir possibilidade imaginativas sobre o futuro da IA frente as questões de identidade. Considerando a IA como tecnologia disruptiva, a seção explora seu potencial em redefinir subjetividades humanas. Em seu primeiro capítulo, Sara Morais dos Santos Bruss, inspirada na obra de ficção "Annihilation" de Jeff VanderMeer, traça elocubrações sobre a potência imersiva da IA que desafia a subjetividade humana. O capítulo de autoria de Carsten Junker aciona diversos manifestos feministas e *queer* para pensar suas relações com a tecnologia, identificando vícios de argumento historicamente construídos. Por sua vez, Johannes Bruder, para fechar a seção, se ocupa em explorar a intrigante e complexa relação entre autismo, IA e percepções sociais de inteligência. Nesse capítulo também é tensionado o conceito de *neuroqueerness*, que busca desafiar visões tradicionais da neurodiversidade e defender uma compreensão mais inclusiva da inteligência que não se baseie em padrões normativos.

O capítulo de conclusões é assinado por Os Keyes. Nele, parte-se da premissa de que diversos sujeitos *queer* têm usado historicamente tecnologias para fins subversivos e o quanto isso alimenta outras possibilidades de imaginação da IA para além do uso normativo do tratamento de dados. Em paralelo, reivindica dos pesquisadores dos estudos de gênero e da teoria *queer* uma atitude menos centrada na crítica cultural e mais próxima de um ativismo material.

Queer Reflections on AI: Uncertain Intelligences é um convite instigante à reflexão sobre a IA e suas reverberações no campo dos estudos de gênero. Tem como principal mérito conseguir comunicar-se com leitoras iniciadas ou não iniciadas na literatura sobre IA. Sua estrutura, em seções, contribui no sentido de que a cada novo momento da obra novas interseções teóricas vão se abrindo. Percebe-se que a obra tem possibilidade de abrir debates, em diferentes frentes, na relação da IA com a teoria *queer*, assumindo essa relação como um tema contemporâneo por excelência.

Do ponto de vista do conteúdo, expresso certo desapontamento com o não aproveitamento do conceito de alucinação (Matias DEL CAMPO; Neil LEACH, 2022), como a capacidade de um sistema de IA gerar informações falsas ou imprecisas mesmo parecendo autênticas para um observador humano, para iluminar imaginários que destoem do enquadramento normativo da IA e sejam fraturas tangíveis do viés algorítmico que não acolha o diferente. Ao explorar tais

fraturas, talvez, também colabore para que noções como devir, diversidade e diferença possam alimentar práticas no desenvolvimento e uso responsável da inteligência artificial.

Referências

DEL CAMPO, Matias; LEACH, Neil (orgs.). *Machine Hallucinations. Architecture and Artificial Intelligence*. Hoboken: Wiley, 2022.

KLIPPHAHN-KARGE, Michael; KOSTER, Ann-Kathrin; BRUSS, Sara Morais dos Santos (org.) *Queer Reflections on AI: Uncertain Intelligences*. New York: Routledge, 2024.

NOBLE, Safiya Umoja. *Algorithms of Oppression: How Search Engines Reinforce Racism*. New York: New York University Press, 2018.

Allyson Carvalho de Araújo (allyson.carvalho@ufrn.br; allyssoncarvalho@hotmail.com) é doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor Associado III da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atua como professor permanente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF).

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

ARAÚJO, Allyson Carvalho de. "Corpos, identidades, teoria queer e inteligência artificial: diálogos". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 32, n. 2, e98931, 2024.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebida em 06/03/2024

Reapresentada em 22/04/2024

Aprovada em 22/04/2024

